

a realização do estudo foi observado que não houve dados que permitissem aferir correlação entre os casos de cinomose e os índices socioeconômicos e recursos epidêmicos sanitários. No levantamento bibliográfico realizado não foram encontrados trabalhos que correlacionem os índices analisados com as enfermidades da área de Medicina Veterinária. Ressalta-se a necessidade de novas pesquisas nestas áreas.

### Aspectos ultrassonográficos de cistos hepáticos em felino-relato de caso

OLIVEIRA, P.L.R.<sup>1</sup>; HAGEN, S.C.F.<sup>2</sup>; KANAYAMA, L.M.<sup>3</sup>; HAYASHI, A.M.<sup>4</sup>; MATERA, J.M.<sup>5</sup>; ALVES, E.F.<sup>6</sup>

Os cistos hepáticos podem ser únicos ou múltiplos, congênitos ou adquiridos (1,2,3,4,5). Pela ultrassonografia são formações cavitárias de conteúdo anecogênico e homogêneo, com paredes finas e ecogênicas (1,2,6,7,8), sendo por vezes responsáveis por artefatos de técnica (4). A origem pode ser o parênquima hepático, vias biliares (4,9), vascular (7) e parasitária (2), ocasionalmente estão associados à doença renal policística (1,8,10,11). Geralmente o fluido é um transudato (11), a drenagem e análise laboratorial auxiliam o diagnóstico (1,2) e o tratamento (12). Cistos grandes que ocasionem compressão tecidual têm indicação cirúrgica (10,11,14). O presente trabalho relata a ocorrência de cistos hepáticos em felino e mostra a contribuição da ultrassonografia nesta afecção. **Relato de Caso:** Um animal da espécie felina, SRD, macho, 12 anos, foi atendido no HOVET-FMVZ-USP, com aumento de volume abdominal. O exame físico revelou mucosas ictericas e palpação de massa firme em abdome. Solicitou-se exames laboratoriais e ultrassonografia abdominal. **Resultados e Discussão:** Nos exames constatou-se elevação de ALT, bilirrubina e ácidos biliares. A ultrassonografia demonstrou múltiplas estruturas císticas no parênquima hepático, medindo de 1,5 cm a 12,7 cm, com conteúdo líquido de discreta celularidade. Drenou-se por duas vezes o fluido do maior cisto, que se tratava de transudato, o que está de acordo com a literatura (11). Optou-se pelo tratamento cirúrgico, pois não houve resolução do quadro compressivo com as drenagens (10, 11,14). Foi realizada excisão parcial do cisto, localizado no lobo caudado e sua cavidade foi preenchida com omento. O exame histopatológico foi utilizado para a confirmação do diagnóstico. **Conclusão:** Os cistos hepáticos podem resultar em sinais clínicos e a ultrassonografia tem um importante papel no diagnóstico, auxílio para a drenagem e acompanhamento da evolução do quadro.

1- Médica Veterinária

2- Prof. Dr. Serviço de Diagnóstico por Imagem- FMVZ-USP

3- M.V. Ms.- Serviço de Ultrassonografia- FMVZ-USP

4- M.V - Departamento de Cirurgia- FMVZ-USP

5- Profª Dra. Departamento de Cirurgia- FMVZ-USP

6- Graduanda em Medicina Veterinária

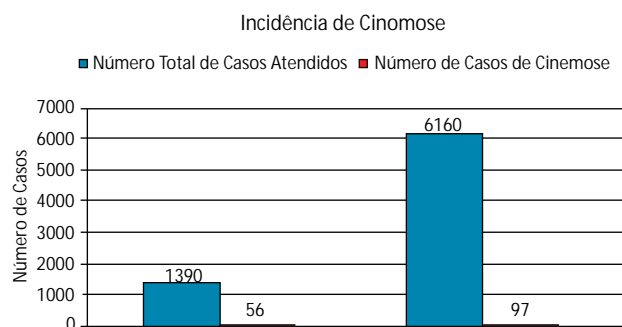
Endereço eletrônico: paulalaise.vet@gmail.com

### Fraturas de pelve em pequenos animais: estudo retrospectivo (2001 a 2012)

Brienza<sup>1,5</sup> P.D., Muzzi<sup>2</sup> L.A.L., Santos<sup>1</sup> D.C.O., Silva<sup>4</sup> W.G., Mesquita<sup>3</sup> L.R., Muzzi<sup>2</sup> R.A.L.

Nos pequenos animais, as fraturas de pelve são frequentes e contabilizam de 20% a 30% do total de atendimentos, não existindo predisposição para

raça, idade ou sexo. As causas mais comuns de fratura de pelve são os atropelamentos, quedas, lesões por arma de fogo ou como consequência de doenças metabólicas e neoplásicas. Este estudo foi conduzido a partir do levantamento dos atendimentos realizados em pequenos animais com fraturas pélvicas, ocorridos no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Lavras (HV- UFLA) no período de janeiro de 2001 a dezembro de 2012. Foram incluídos 92 animais com diferentes tipos de fraturas pélvicas, sendo 85 cães e sete gatos. Retrospectivamente, foram avaliados o histórico clínico, o agente causador da lesão, os tipos de lesões pélvicas, o tempo decorrido do trauma ao atendimento, e o tratamento utilizado em cada caso, ou seja, intervenção cirúrgica ou terapia conservativa. Os resultados mostraram que os atropelamentos por veículos automotores representaram a maior causa das fraturas (93,5%), as outras foram 2% por queda de altura elevada, 1% por coice de bovino e as demais por causas desconhecidas. O número de fraturas nos ossos da pelve foi elevado porque comumente ocorreram fraturas múltiplas nesta estrutura. Os ossos mais comumente fraturados foram púbis (44,6%), ílio (42,4%) e isquão (30,4%). As fraturas acetabulares foram observadas em 15,2% dos casos e a luxação sacroilíaca foi observada em 28,2%. Em 10,9% dos casos o



atendimento ocorreu em até 24 horas após o trauma. Outros 32,6% dos animais foram atendidos entre 24 e 48 horas depois de ocorrida a lesão. Um total de 19,6% dos atendimentos entre 48 e 72 horas, enquanto que 13% ocorreram entre 72 e 96 horas. Os animais atendidos após 96 horas corresponderam a 23,9% dos pacientes. Foi observado que o intervalo entre a ocorrência do acidente e o atendimento não alterou no resultado da recuperação dos animais, porém foi importante na decisão de se instituir ou não um tratamento conservativo. Neste estudo, o tratamento conservativo foi realizado em 85,9% dos animais e consistiu de repouso, administração de anti-inflamatório não esteroidal e, em alguns casos, utilização de catárticos. Do total de pacientes reavaliados, 86,25% tiveram completa recuperação da capacidade de deambulação. Portanto, concluímos que o tratamento conservador mostrou ser eficaz na recuperação da maioria dos animais com fraturas de pelve, entretanto, é necessária uma avaliação cuidadosa de cada caso de fratura pélvica para se instituir a terapêutica adequada.

1Programa de pós-graduação em Ciências Veterinárias - UFLA - Lavras, MG

2Departamento de Medicina Veterinária - UFLA, Lavras, MG

3Programa de pós-graduação em Medicina Veterinária - UNESP - Botucatu, SP

4Médico Veterinário Autônomo em Cirurgia de Pequenos Animais

5 pauladesjardins@posgrad.ufla.br